

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

BARCELLOS HA 50 ANNOS

VI

Na chronica passada fallei do rev.^o Antonio do Porto Paiva como capellão ultimo das missas em Santa Martha.

Pois me.ecc o saudoso e respeitavel extinto uma chronica, na serie das que vou dando para «A Lagrima».

Havia, ha 50 annos, em Barcellos tres escolas d'instrução primaria e duas aulas de latim e latinidade.

Das princeiras uma era official; a do Villasboas, que morava na casa, em que habita hoje o meu prosado amigo conego Campos; as outras duas eram de ensino livre; a do Borges, que morava na casa, em que habita o sr. Augusto Bandeira, e aonde se pagava 120 rs. por mez. Domingos Borges de Queiroz, assim chamado o professor, e que alludo, era tambem armador; e, por signal que, foi elle o introductor das celebres gigantais nas procissões de Corpus Christi e do S. Joao; tinha tambem uma excellente collecção de judeus, recheiados de palha, que os rapazes da escolla lhe forneciam, para arranjarem—perdões—e pouparem as unhas das grandes dozes de bolaria, com que Borges desancava os pequenitos; e tambem dos açoutes, com que, não raro, lhes punha o fresco cor de papoula rubra. Eu tinha horror pela escola do Borges; e, jurando nunca lá entrar, pelo que me contavam os alumnos, que a frequentavam, consegui ser mandado para outra escolla, a do Padre mestre Paiva. Por esse tempo, ou pouco depois, inaugurou Paulo José da Ermida, conhecido pelo nome de Paulo Gallego, uma outra escolla na casa, que é dos herdeiros do Conde de Azevedo, ao fim da rua da Igreja; e que, pelo methodo com que ensinava, e pela ordem em que estabeleceu a sua escolla, tirou a concorrência á do Borges, que veio a acabar pobremente nas enfermarias do nosso hospital.

O nosso Padre mestre não accitava mais de seis até oito alumnos, que pagavam um pinto por mez.

O Padre Antonio do Porto Paiva era natural do Porto; havia feito o seu noviciado, o professor na ordem de S. Francisco, no convento de Val de Piedade, no Porto, aonde, segundo elle dizia, se amestrou nas linguas franceza, ingleza e italiana com os estrangeiros, que iam pedir licença ao convento para amarrarem aos mu-

ros da cerca, os barcos ancorados no Douro. D'aquelle convento veio para o de Barcellos como professor de instrução primaria e portuguez, que ensinou, até que os religiosos foram expulsos das suas cazas.

Por dedicação á ultima caza da sua ordem d'onde cruelmente, diga-se a verdade, foi posto fora em nome da liberdade, (de funil, entenda-se) o virtuoso egresso resolveu-se ficar em Barcellos.

Quando principiei de conhecê-lo, habitava elle na pequena caza, que faz frente para a capella de S. Bento, no campo de S. José, e que confronta, pelo nascente, com o quintal do sr. Manoel Paes.

O seu pessoal domestico era uma senhora já velha, que se chamava D. Joanninha; um alumno interno, que lá encontrei, quando eu fui para a escolla, de nome Gaspar de Queiroz, muito traquina, e que apanhava bolaria de criar bicho. Não sei o que foi feito d'esse rapaz, que dizia ser filho natural de uma familia da Barca: tinha mais uma creada para a cosinha e duas cadellitas— a perola—e a—andorinha—, que, quando nós iamos para a escolla, encontravamos sempre aninhadas na cama do Padre mestre, que ficava em uma alcova na sala da escolla vedada por uma cortina de chita escura.

Era modestissima a mobilia da sala: cadeiras de coiro, com botões amarellas, em que nos sentavamos; uma meza ao centro, em que escreviamos, e um piano desafinado e toseco a um dos cantos da sala, com alguns livros em cima e a classica palmatoria.

Encontrei já na escola do Padre mestre o Gomes da Costa e Germano Jorge de Souza Neiva, com as mãos sempre cheias de friciras, e o Gaspar.

N'esse tempo parece-me que eramos só quatro. Depois entrou Manoel Santos, logo adiante Lazaro Caravana, Domingos Azevedo, Manoel Leite, João Ferraz e, mais tarde, Joaquim Leite. Estes quatro ultimos ficaram ainda na aula do Padre mestre, quando eu de lá sahi, em outubro de 1851.

Padre mestre usava sempre de batina, nunca o vi vestido á secular, senão quando ia aos taralhões, á costella, para o Souto da Granja. Algumas barrigadas de rizo apanhei eu e o Manoel Leite, quando nos era dispensada a honra de acompanharmos Padre mestre á caça dos taralhões. Tambem, valha a verdade, nao me lembro de se pillar um só.

A LAGRIMA

Era um santo homem. Eu fiz-lhe traquinices na escola, principalmente nos últimos tempos, em que eu era o decano da aula, que não sei com que paciência elle me poupava uma doze de palmatoadas.

A sua vida foi gasta no cõro do Bom Jesus da Cruz, que frequentava assiduamente; e em caça, ora ensinando, ora estudando; ninguém o viu em passeios nem em outro qualquer genero de passa tempo; foi um varão apostolico, um Padre á altura da sua missão sublime.

Morreu com poucos meos; porque a virtude da caridade illuminava-lhe a alma, e irradiava-lhe o coração. Era, ao que se dizia, um dos subscriptores para o subsidio, que o paiz mandava á illustre familia do Rei scripto. Padre mestre, que, em tempo, tambem frequentou o pulpite, para o que não tinha grande goito, morreu pobre, observando, até ao fim da vida, o rigoroso cumprimento da Ordem Santa, que professára. Todos os seus discipulos, que ainda vivem, são gratissimos á sua memoria, e, quando nos reunimos, ás vezes, alguns d'elles, nunca fallamos do nosso Padre mestre sem saudades e sem admiração. E termino por aqui, porque esta coisa ia a descambar em necrologio. T'arrenego!

ARCHEOLOGO.

D. JULIA DE SOUZA RAMOS



Dezembro! Dezembro! rouba-nos o calor vivificante do amor, abres-nos a gelida campã da saudade!

Arvores sem folhas, campas sem flores, rostos lacrimantes, corações magoados. E' que a Dor descarnada e implacavel apo lera-se de nós e o sopro frio da Morte bafeja-nos muito de perto: ao mesmo tempo que a natureza chora as perdidias gallãs, choramos nós tambem os involvidaveis sentimentos.

O frio e o desanimo, a morte e a saudade! Eis o que nos avassala, eis o que nos tortura!

Mal diria eu, ha poucos dias ainda, a sós com a minha tristeza, que hoje teria mais um motivo de dor, mais uma causa de soffrimento. E na la mais certo, na la mais verdadeiro.

Os bons desaparecem! N'esta continua ro-la da vida, n'esta inesperada scena da existencia depararam-se-nos brutalmente e asphixiantemente os qua-tros mais sombrios, os dramas mais emocionantes!

Ao vermos desaparecer, rouba-la pela morte,

uma santa e bondosa senhora que reflectia, como e'n chrystallino espelho, os mais bellos sentimentos, que guardava, como em precioso escripto; os mais nobres affectos, parece que sentimos a mão ferrea do destino a precipitar-nos no abysmo inson'avel da Dor!

E' isto a vida: hontem alegrias e amor, hoje lagrimas e lucto!

Felizes ainda os que creem! A sua dor é grande como o mar, o seu soffrimento é atroz como o martyrio; mas, se vêem o espirito da desgraça invadir-lhe o lar, depara-se-lhe ao mesmo tempo o anjo da resignação a sorrir-lhe, lá nas regiões azues do Paraizo, coroando a virtude, premian-do a delicação, enaltecendo o amor!

E' este o len tivo do nosso querido amigo Silva Esteves, no meio da sua dor immensa, no meio do seu soffrimento cruzante!

D. Julia de Souza Ramos, a esposa amantissima, evolou se d'este meio, ou se se maisnam muitas intenções e desfazem muitas illusões, com a paz da consciencia que sempre a acompanhou e com a certeza de ter cumprido a sua missão sobre a terra: esposa amantissima collocou no lar as suas aspirações; senhora caritativa fazia o bem sem esperança d'outra recompensa alem da que produz a pratica das boas obras. Foi porisso amada, e a sua recordação viverá sempre no coração dos que a conheceram.

E agora ao acabar d'anno, anno cheio d'aventuras, ainda vem tornal-o mais amargo a morte d'essa senhora, que foi um molelo de virtudes e um exemplar d'esposas.

As lagrimas, que ao despontar d'aurora apparecerem sobre o seu tumulo, são as lagrimas da saudade, produzidas pelo agradecimento; a dor que se estampa nos rostos de todos, que tiveram a felicidade de a conhecer, é a prova mais evidente de que ella foi o prototypo da mulher christã: boa filha, exemplar irmã e carinhosa esposa!

Ao profundo golpe, que acaba de ferir o coração amorante e san loso do nosso amigo Silva Esteves, não posso minorar-lhe o cruzamento; mas, porque é christão e porque é crente, ha de necessariamente encontrar na resignação e na oração um len tivo a tanto soffrimento e uma consolação no meio de tanta tristeza!

A minha cumpre-me agora desfolhar sobre essa campã que se fechou as petalas da saudade que para todos hoje symbolisa a recordação d'um ente bom e querido!

E a redacção, cumpri-lo o triste dever para com o seu mais dedicado amigo Z. Saramago apresenta-lhe a homenagem dos seus saudosos

pesames.

A Tonica e a Pisca, moram n'uma casa ali na rua D. Maria II.

A Tonica é fina como um rato, e para isso

basta t er dois olhos na flor do rosto, ver-nolho-
A Pisca essa, coitada,   uma simplicia.

Motivo por que a Tonica abusa d'ella, fazendo-lhe perrices com partidas engracadas. Um dia d'estes formou uma grande boneca, enrolou-a n'uma baeta, deitou-a   maneira d'uma creanga n'uma costa, que poz ao cimo das escadas.

A Pisca ao deparar-se-lhe o estendal grita: «Uma creanga exposta!». Vee n' visinhas com as lamurias do costuro: «Coitadinha!», «Ella n o chora?   por que tem mamadeiras».

A Marcellina pegou na creanga, para a levar ao administrador, mas o seu espanto foi medonho por lhe ver surgir do ventre magoas e leucos...

A coisa deu mais espanto
Que uma grande anomalia;
Creangas (chiton!) sem m o
Aqui   a orden do dia.

O que p'ra n s   enigma,
Escatue, mozos guapos;
E' haver quem d    luz,
Bon equinhos de farrapos!

Desde j  o gran phen meno,
E' forcoso frisar bem;
—A «Tonica» de Barcellos
«D    luz»... como ninguem!!!...

CARTA

Sr. Redactor:

A rua Direita est  quasi prompta. Os caninhos de folha j  trazem para o cano mestre, a agua das chuvas, que escorrem dos telhados. D'aqui a pouco o sr. Borges lanca-lhe os trilhaos para por elles correr at  Espozente um americano a vapor.

Ora agora para a rua ficar obra d'estalo, e preciso despejar uma sacada   maneira d'espigueiro, que se salinta   laia de escarro, na fronteira d'um predio.



Os raros de tal sacada, que a nossa grav. inli-

ca, tiveram antigamente a sua poesia nos conventos, quando por elles surgiam os roseos dedos de freira esculpturalmente bem feita, a fazerem signaes a um D. Jo o ver-seja-lor.

Hoje, se aquilo tivesse valor prehistorico, recom-nen lavamol-o   Camara para um museu, assim, em nome da decencia requisitamol-o para lhe chegarmos um phosphoro...

A casa em quest o pertence a um illustre filho da rainha do Cavalo—que tem uma alina, ninho perduravel de manzas quietitudes—, porisso esperamos que o seu patriotismo o impulsione   practica de um acto (embora inquisitorial) de chamar   fogueira o diabo da coisa.

DOIS BARCELLENSES.

NOTAS DA QUINZENA

O tempo tem da lo in lieios de aliena o mental.

Em vez de se nos apresentar firme no typo, na minacia das linhas, escancara-se-nos esbandalhadamente desuniforme... cambaleante.

N'uns dias, exhibe-nos um sol meio morto, illumina-lo pallidamente cidades e villas, aldeias e logares; n'outros, despeja-nos desapieladamente as cataractas celestes, empapan-lo-nos as estradas e ruas, as viellas e carroiros; umas vezes, envindra-nos os pocos e lagoas, crystalisa-nos as fontes e bicas; embaga-nos, outras, a limpidez da atmosphera, com um nevoeiro espesso que ataca atrevidamente o corpo e, at ... o espirito.

Ora, n'estes casos, a aliena o   visivel.

Haja firmeza no aprumo.

Venha uma chuva inulante que nos force ao uso da capa de borracha, do guarda-chuva, da alpercata, do tamanco.



Venha uma neve felina que nos arreganhe friaticamente as m os e os p s, as orelhas e nariz.

Conserve-se o thermometro abaixo de zero, que nos empurre ao caf , o o caf    cana, e a cana ao cigarro,—mas sobretudo haja caracterisa o correcta d'um inverno firme.

A LAGRIMA

A humidade, em todo o caso, é a «senhora mãe» que tem imperado sobretudo,—alastrou-lo-se pelos corredores das casas e corrimões, pelas lombadas dos livros e pelos castões das bengallas, pelo teclado dos pianos e pelos narizes...

Tudo humido, tudo bolorento: natureza e humanidade.

*

Barcellos ha mezes a esta parte que chafurda no charco da mais immunda immoralidade.

Franqueiras, Hymalaias de vícios, fermentam impudicamente n'esta nobre terra que «desesete mil peitos viu arinados».

Só o acido phenico d'uma boa policia podia corrigir este ambiente putrefacto.

O jogo, o roubo, a cantata tortulbeirenta, a tentativa d'assassinato—teem constituido esta quinzena uma mesclada nojenta, que postuleja malinamente esta população, que já tem contra si o mal da falta de trabalho, e o trabalho é o melhor administrador do concelho.

*

Dizem que, horas da noite fóra, tilintam em casas suspeitas, os cobres da jogatina, que carunchieira cerebros virentes—encaminhando-os á pratica do refinadamente mau.

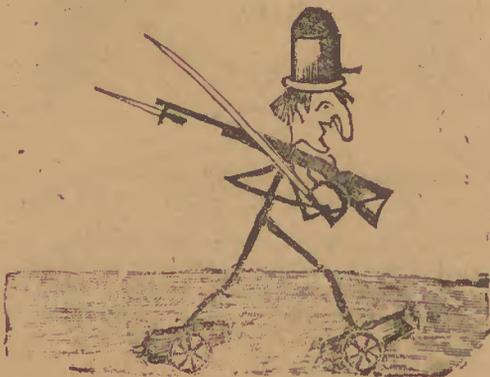
E a esse respeito disse-me n'outro dia o meu rapaz de recallos:

—Aquilo que leu hontem n'um jornal a respeito de se estarem a fazer todos os dias rondas ás casas de batota, de Lisboa, é verdade? Nunca vi cá em Barcellos fazer isso, e até julgava, d'antes, que essas rondas eram uma coisa assim como a caça do «piovarlo», que eu com outros rapazes faziamos á embocadura das quingostas, lá na nossa freguezia...

*

Os roubos teem sido aos pares, uns atraz dos outros, como os soldados na travessia d'um estreito desfiladeiro.

Apontam-se desde o furto insignificante d'uma gallinha, até o roubo sacrilego das egrejas.



Isto está tão bom, que até Deas, nos altars, corre perigo.

Armeio-nos até os dentes.

*

De noite, quando a gente rola o physico em caricias de uns tenços lumentosos, é assaíta lo pela herrata desrhythmica e sensaborona d'uns notibós pelintras, a que o luar dá uns tons de figuras sinistras, exhibidas em farça barata, nos barrações de feira.

Antigamente, por essas noites bellamente luiras las, fazia a vibrar o etar n'uns sons magicos de violins gementis, que nos elevavam ao céu da satisfação—envoltos n'uma caricia santamente bíblica!

E' que então havia quem destrançasse pelo a ambiente fóra o queixume d'um amor mal correspondido.

Era, enfim, gente decente que procurava divertir-se a si, e aos outros.

Agora, ao contrario, uns pelintrinhas, procuram simplesmente divertir-se a si e incomodar os outros, aggregando-se a umas desgraças que para ahí vagabundeiam—e vomitanta, depois, uns versos despoetizados de todo o sabor.

*

O sr. João Baptista Martins, in livi-luo por todos conhecido, que se encontra a cada momento n'essas ruas, sobraçando lo maços de papeis juridicos—homein que se nos depara sempre satisfeito, a rir, saltando-lhe a fresca cara d'entre uns collarinhos á Zola, com uma jovialidade personificada, atravessando esta vida a rir, como aqu'elle celebre Abauzit,—a quem uma vez a creia de quarto queimou uns apontamentos de observações das depressões atmosphericas, que representavam 27 annos d'estudo, e elle a reprebendeu simplesmente assim: «Destruiu o resultado de 27 annos de trabalho. D'aqui em diante não bula em nada que estiver n'este quarto». Sim, o sr. Martins foi assaltado por um embaçalo.

Vinha de casa do sr. dr. Luiz Novaes, e poucos passos tinha dado fora da porta, quando lhe surgiu, não se sabe como, talvez sahido debaixo da terra, como aquelle Insbel do «Santo Antonio», um vulto negrejante a ameaçalo. Deu um paço á rearguarda e veno-lhe luzir na mão um punhal, abriu o guarda-chuva, e retrou-se socegado por não ficar como Sadi Carnot.

No outro dia reparou o sr. Martins:

—«Olha que diabo! podia ter ficado hontem sem o meu guarda-chuva...»

(A «Lagrina» é o jornal de maior tiragem n'esta villa. Preço 20 reis por mez)

Responsavel:—João G. da Silva

—Typographia da «Folha da Manhã»—